

SP, RJ, MG, PR e SC:

R\$ 3,50

Demais Estados: ver
tabela na página A4

★ Edição das 20h30

O ESTADO DE S. PAULO

RUY MESQUITA

Diretor-responsável

Julio Mesquita (1891-1927)

Julio de Mesquita Filho (1927-1969)

ANO 124

DOMINGO

Nº 40185

SÃO PAULO, 26 DE OUTUBRO DE 2003

Francisco Mesquita (1927-1969) Julio de Mesquita Neto (1969-1996)

O abismo entre a melhor e a pior cidade do Brasil

Há 24 anos separando a
melhor e a pior cidade do
País em expectativa de vida.
De São Caetano do Sul, em
São Paulo, com expectativa
de 78 anos, a Centro do Gui-
lherme, no Maranhão, com
54 anos, são 5 mil km de es-
tradas e um imenso abismo
nos números. **Págs. A16 e A17**

REPORTAGEM ESPECIAL

FLAGRANTE:

ADRIANA CARRANCA

Cinco mil quilômetros de estradas e 24 anos de vida separam os habitantes da melhor e da pior cidade do País em expectativa de vida. Os dados são do Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento. São Caetano do

Sul, na Grande São Paulo, é a melhor, com expectativa de 78,18 anos. Centro do Guilherme, no oeste maranhense, é a pior, com 54,35 anos. São anos roubados pelo descaso, a pobreza e a falta de acesso a serviços básicos simplesmente porque o Estado não consegue distribuir de

Div. Montanha/Luzia/AF



Maria de Fátima brinca com irmãos no quintal: a mãe, que é parteira, passou por apuros no dia do nascimento da menina, porque teve de ir do povoado de Cedral, isolado pelas chuvas, para o hospital

Só 3% da população da cidade 'perdida' na divisa do Maranhão e o Pará tem mais de 65 anos

Expectativa de vida: 54 anos

CENTRO DO GUILHERME - A estrada de terra termina numa ponte sobre um rio repleto de lavadeiras. Casas simples, um tímido comércio no único trecho de asfalto no horizonte. O entorno é verde. É este o primeiro cenário de Centro do Guilherme, no oeste maranhense, após o percurso de 32 quilômetros, desde a saída da rodovia BR-316.

Não há muitos idosos nas ruas. Em 2000, dado mais recente, havia apenas 166 pessoas com mais de 65 anos ou 3% da população. Em São Caetano (SP), 12,6% das pessoas estão nessa faixa etária. Não é preciso muito tempo para saber os motivos da baixa expectativa de vida - 54,35 anos, 14 aquém da média brasileira. São a falta de saneamento básico e o ambiente insalubre das casas, a vulnerabilidade da população às chamadas doenças de pobreza e o precário acesso à saúde. Apenas 6,5% dos domicílios possuem água encanada e a coleta de lixo atinge 5,6% dos endereços urbanos.

Com mãos calejadas, apesar da idade, Mardone de Almeida dos Santos, de 14 anos, esfrega a roupa dos oito irmãos, pai e mãe, nas pedras. "É para tirar o escardido. Limpinho não fica, porque a cidade é um barro só", diz. Primogênita, é ela quem cuida da casa sem água encanada ou esgoto, mas de alvenaria, rara na cidade cuja paisagem é marcada pelos casebres de pau-a-pique, chão de terra batida e telhado de sapé.

A mãe trabalha como zeladora em uma das duas escolas e ganha um salário mínimo, única renda da família de 11 integrantes. O pai cuida da roça. Para cozinhar, Mardone tira água de um poço no quintal de um vizinho. Não há televisão nem geladeira, itens presentes em apenas 39,1% e 22,8% das casas, respectivamente. Um dos irmãos tem síndrome de Down e nunca sai de casa. Outro morreu aos 8 anos, de malária e hepatite.



"Quando o rio sobe, dá muita doença", conta ela. Hospital, só em Santa Luzia do Paruá, a 45 quilômetros dali. Casos mais graves são tratados na capital.

Medo - Bisneta de índios, a parteira Lúcia Ferreira, de 47 anos, perdeu as contas de quantos bebês ajudou a nascer. Teve 11 filhos em casa, sozinha, o primeiro aos 14 anos. Para ter a caçula, Maria de Fátima, hoje com 10 anos, precisou pedir socorro - ela e o marido, José Raimundo Ferreira, de 52 anos, moram no Cedral, distante 13 quilômetros do centro, povoado que fica isolado em tempos de chuvas, de janeiro a junho. "Peguei carona com um caminhoneiro até o hospital, em Santa Luzia. Tive me-

do de ela não vingar."

Medo compreensível para quem viu morrer nove filhos. "Morreram de febre, tosse, diarreia...", diz, conformada. "Naquele tempo, médico aqui era só para atestar a morte." Todos na casa tiveram malária e, este ano, passaram a receber a visita de um agente da Fundação Nacional de Saúde. Casos de esquistossomose também são comuns - 20% dos 240 exames feitos em setembro deram positivo.

São doenças e uma alimentação pobre em nutrientes as responsáveis pelo pior índice de mortalidade de crianças até 5 anos (134,84 bebês mortos a cada mil nascidos vivos). Enfermeiro formado pela Universidade Federal do Maranhão, o secretário de Saúde, Raimundo Neto, atribui os péssimos índices a "dogmas tradicionais". "Tem quem ainda ache que leite não alimenta e da angu, mistura de água e farinha, para os bebês", diz ele, que acredita em uma situação melhor, a partir deste ano, com a adoção do Programa Saúde da Família e da campanha de imunização.

Analfabeta, Kátia Silene Menezes dos Santos, de 25 anos, chora ao lembrar-se da filha, de 2 anos, morta há seis meses, com problemas de coração. "Era difícil de encontrar o remédio aqui. E não era sempre que o dinheiro dava. Então... meu Deus, ela morreu em casa, sem que eu ti-

vesse tempo de socorrer." Depois do episódio, Kátia mandou os três filhos mais velhos para a casa de parentes na capital, para evitar destino semelhante.

Garimpeiro - Guilherme José de Andrade, de 78 anos, fundador do povoado, que deu nome à cidade, chegou à região em 1957, com a mulher e dois filhos, montados no dorso de um jumento. "Queria ganhar o mundo", diz. Foi caçador e garimpeiro. Mas a queda no valor do ouro, nos anos 90, fez sumir o trabalho e a renda. De acordo com o

ranking da miséria, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), 95,32% dos guilhermenses não têm renda suficiente para alimentação básica.

Dados como esses levaram o Fome Zero até lá. Serão cadastradas 900 famílias, porém, a presidente do sindicato dos trabalhadores rurais, Antonia Lima de Araújo, alerta que o que falta é tecnologia e assistência aos trabalhadores rurais, cerca de 4 mil. "Todo mundo tem terra e comida na mesa. Falta assistência técnica para transformar a roça em plantação rentável e

garantir o resto."

Em 1991, o povoado era todo rural. Hoje, 55,28% da população vive no precário centro urbano. O asfalto e a energia elétrica chegaram em 1998 - esta última só a 62% das casas.

Outra coisa que chama a atenção em Centro do Guilherme é o abandono. Três dos quatro secretários procurados pelo Estado estavam fora da cidade. Assim como prefeito Kleidson Pereira (PMDB), que costuma despachar de um escritório de contabilidade na capital, já que o município comandado por ele é carente de infra-estrutura bancária e outros serviços. Na única avenida asfaltada, porém, uma placa avisa: "O progresso continua". (A.C.)

No Centro do Guilherme, isolamento

Município em região de reservas indígena e ambiental sofre com ausência do Estado

CENTRO DO GUILHERME - A impressão que fica de Centro do Guilherme é de completo isolamento. Para chegar ao município de Presidente Médici, que dá acesso à cidade, é preciso enfrentar cerca de 450 quilômetros em três estradas federais de pista única, com muitos caminhões e só dois postos da Polícia Rodoviária. O último trecho, na BR-316, tem áreas sem asfalto e crateras que parecem capazes de engolir um carro. Impossível ir a mais de 20 quilômetros por hora, o que torna a viagem uma penosa aventura de pelo menos oito horas.

Chegando a Presidente Médici, o acesso a Centro do Guilherme é feito por uma estrada de terra de 32 km, que consome pelo menos outra hora e meia. Não há placas. É preciso parar na estrada para obter informações.

"Com esse carro (um Ford Fiesta, alugado pelo Estado), será difícil chegar até lá. E a Polícia Federal nos desaconselhou fazer o trajeto à noite, pois a estrada é rota de caminhoneiros carregando cargas ilegais tira-

das da floresta. Pode ser perigoso", avisam agentes do IBGE, prevenidos em uma picape com tração nas quatro rodas. Eles estão encarregados de fazer o mapa cartográfico do que se conhece por "vazio do Pará-Maranhão", região nunca identificada em detalhe que engloba oito municípios dos dois Estados.

Centro do Guilherme fica na região da Reserva Indígena do Alto Turiaçu, administrada pela Funai, perto da Reserva Biológica do Gurupi, a cargo do Ibama, e tem parte de seus 871,2 quilômetros quadrados na Amazônia Legal. A combinação de isolamento geográfico e ausência do Estado estimula a ação de produtores de maconha, exploradores de madeira ilegal e grileiros.

"Conseguir um 'guia maconeiro' é o ideal", diz um morador de Santa Luzia do Paruá, a 45 km de Centro do Guilherme. "Ele sabe onde não levar a senhora. Porque tem lugar que não pode ir mesmo." A área no entorno do Rio Gurupi, que margeia Centro do Guilherme, é uma das quatro maiores produtoras de maconha do Nordeste,

segundo a Polícia Federal. A erva é cultivada no rio, em canteiros flutuantes.

Ação mais ostensiva é a dos madeireiros. Ao cair da tarde, é intenso o movimento de caminhões carregados de madeira na estrada que liga a reserva indígena à BR-316, passando pelo centro da cidade. "O problema é crítico. A Funai não tem poder de polícia e pouco pode fazer na terra indígena. Mas o Ibama e a PF, por que não fiscalizam nas serrarias?", diz Wagner Tramm, da Funai.

O Ibama sabe da atuação de pelo menos 40 madeireiros na região. "O posto dentro da reserva foi metralhado por madeireiros em 2001. Queremos retomar as operações, mas temos 10 fiscais para 20 municípios", diz a gerente-executiva Marluze Pastor Santos.

Parte do desmatamento é autorizado, mas a devastação é maior. Em 2001, último ano com registros, o Ibama autorizou a derrubada da vegetação em 390 km² do Maranhão. A área devastada, segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, foi de 958 km². (A.C.)



Mulheres na rotina dos baldes: cidade não tem saneamento

DOIS BRASIS

forma equilibrada seus recursos. Os dois municípios estão nos extremos da mortalidade infantil. Segundo dados de 2000, quase 135 crianças guilhermenses, a cada mil bebês nascidos vivos, morrem antes de completar 5 anos – em São Caetano são 6 mortes para mil

nascimentos. Centro do Guilherme é também o município com a maior fatia (95,32%) da população com renda per capita inferior a R\$ 80 mensais – valor médio da cesta básica, segundo a Fundação Getúlio Vargas. Já em São Caetano, essa parcela é de 3,36% dos habitantes.



Alunos da escola municipal de educação infantil 1.º de Maio, em São Caetano, durante atividades artísticas: crianças com necessidades especiais foram integradas às salas de aula desde o ano passado

A prefeitura aposta em educação, medicina preventiva e atendimento a idosos

SÃO CAETANO DO SUL – Prestes a completar 84 anos, no dia 1.º, o ex-metallúrgico Mauro Filipe Roveri esbanja saúde, vitalidade e alegria. Aposentado, ele ainda ajuda uma das netas na administração de uma empresa de produtos químicos todas as manhãs. De lá, segue dirigindo o próprio carro para o centro público de terceira idade onde passa as tardes jogando bocha com amigos e, nos dias livres, viaja com a turma do clube ou leva as bisnetas ao Parque Chico Mendes, em

Expectativa de vida: 78 anos

São Caetano do Sul, onde nasceu e mora. Seus três irmãos, a mulher Nair, de 81 anos, com quem está casado há seis décadas, os dois filhos, seis netos e seis bisnetos também moram na cidade, de onde não pretendem sair. "Não existe lugar melhor." Os laços da família com a cidade vêm de longe. O bisavô homônimo de Filipe Roveri estava entre os primeiros imigrantes italianos que partiram de Gênova, no navio Europa, e chegaram a São Caetano em 28 de julho de 1877, trazidos pelo Governo Imperial para

trabalhar na Fazenda São Caetano, na Vila de Santo André. O bisneto Roveri conheceu uma São Caetano precária, antes de a cidade ser emancipada, em 1948. "No meu tempo não havia escolas, ônibus, nem dinheiro", diz. Acompanhou a industrialização e cresceu com ela. "Meus filhos tiveram qualidade de vida, estudaram em boas escolas públicas e se formaram na universidade."

Longevidade – São Caetano é a cidade brasileira onde se vive mais: 78,2 anos é a expectativa

de vida, quase uma década superior à média nacional. Parte do índice se deve a 100% de infraestrutura (água, luz e esgoto) e renda per capita de R\$ 834, em 2000, o que faz com que 99,5% das casas tenham geladeira e TV e 91,4%, telefone. O município tem 25 mil empresas – a indústria é responsável por 14 mil empregos e o setor de serviços, por 47 mil postos.

Para o prefeito, Luiz Tortorello (sem partido), três pilares sustentam a longevidade: educação, que consome 35% do orçamento, atendimento aos idosos e medicina preventiva. O município conta com programas interessantes, como a prefeitura itinerante, que concentra todos os serviços públicos em cada bairro, durante 15 dias. "Fazemos uma varredura no bairro. Documentação, auxílio às famílias, exames médicos e odontológicos, orientação de sanitaristas e agentes de controle de zoonoses. Tudo", garante o prefeito.

No centro da cidade, a placa avisa: R\$ 40 milhões de investimentos, 653.186 consultas e 193.795 exames médicos realizados entre 2002 e 2003. A população quer mais. Maria Ribeiro, de 75 anos, participou na semana passada da primeira reunião do orçamento participativo e sugeriu que parte fosse utilizado na construção de um hospital para adultos, que a cidade não



Felipe Roveri, num jogo de bocha: netos e bisnetos não pensam em deixar a cidade

tem. "Não tem, mas será inaugurado daqui a 15 dias, com 120 leitos", garante o secretário de saúde, José Auricchio Júnior.

Ele atribuiu os números ao Programa Saúde da Família, que chega a 34% das casas, às campanhas de combate a doenças

crônicas, como diabetes e hipertensão, e à saúde da mulher. Gestantes passam por, pelo menos, nove consultas entre o pré-natal e o nascimento do bebê, três além do número indicado pela Organização Mundial de Saúde. O hospital materno-infantil é municipal. Na última década (1991-2000), a mortalidade infantil, até 1 ano, caiu 70,67%, de 18,34 para 5,38 por mil nascidos vivos. A mortalidade de crianças até 5 anos é de 6,16.

Os indicadores de educação também surpreendem: 99% de crianças de 7 a 14 anos e 93,1% dos jovens de 15 a 17 anos estão na escola. A população com nível universitário chega a 20% e a taxa de analfabetismo, a 3,1%. Desde 2002, as escolas municipais recebem crianças portadoras de necessidades especiais, como Gabriela Souza Pinto, de 7 anos. Com as capacidades motora e cognitiva visivelmente estimuladas, ela brinca, desenha, conversa. "Gosto de jogar futebol", diz, incentivada a participar do jogo, mesmo sobre a cadeira de rodas. "Sou artilheira."

"Por meio da educação, se consegue tudo o restante", acredita Tortorello, professor licenciado de português e direito. A cidade tem até uma escola pública de idiomas – oferece cursos de inglês, espanhol, italiano, francês e alemão – e uma universidade municipalizada. Para cursos particulares, a prefeitura ofereceu, neste ano, 1.500 bolsas em troca de 4 horas semanais de trabalho comunitário dos beneficiados. (A.C.)

‘Aqui tenho casa, comida e escola’

Para jardineiro baiano, saudade da terra natal é compensada pela qualidade de vida

SÃO CAETANO DO SUL – João Ferreira Neto, de 41 anos, deixou a Bahia há 8 anos rumo a São Caetano em busca de trabalho, renda e melhor qualidade de vida. "Todo mundo tem saudades da terra natal, mas aqui consegui ter uma casa, comida e colocar os cinco filhos na escola", orgulha-se. "Na roça, a gente morava em casa de pau-a-pique e dependia da chuva para ter o que comer."

Neto soube escolher o seu destino. São Caetano coleciona títulos de "a melhor" em quase tudo. Detém o mais alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do País, produzido pela Organização das Nações Unidas (ONU), que engloba três importantes indicadores sociais e econômicos: renda, longevidade e educação.

A prefeitura instalou, desde 1999, nas 48 escolas municipais e nas 22 estaduais, computadores com acesso à internet e aulas gratuitas para 25 mil estudantes, um dos motivos que a fez ocupar a primeira colocação em inclusão digital, em um ranking da Fundação Getúlio Vargas

(FGV) e do Comitê para a Democratização da Informática (CDI), divulgado em abril. A cidade possui a maior porcentagem de moradores com computadores em casa do Brasil – 41% ou 140 mil pessoas.

É a sexta melhor do País, segundo a FGV, para se fazer carreira. Em São Caetano, Neto trabalhou como metallúrgico, mas hoje vive em meio a plantas, araras, cobras, saguis e tartarugas, em 23 mil metros quadrados de área verde. Ele é um dos jardineiros da Escola Municipal de Ecologia Presidente Jânio Quadros, que recebe 150 crianças por dia para cursos sobre fauna e flora brasileiras.

Da escola saem mensalmente 30 mil mudas para serem plantadas nos parques e praças da cidade. "Se tivéssemos de comprar, pagaríamos, pelo menos, R\$ 30 mil por mês. Com o cultivo próprio, a cidade economiza, gera empregos e, de quebra, incentiva a consciência ecológica nas crianças. Todo o projeto não custa mais de R\$ 8 mil", diz o biólogo Ronaldo Moraes.

É por essas e outras economias e por priorizar investimen-

tos em saúde e educação que São Caetano foi considerada a cidade com mais de 50 mil habitantes com a melhor gestão fiscal do País, em 2003, segundo o Conselho Federal de Contabilidade. A cidade não tem dívidas.

"Se nossa receita cai, cortamos as despesas na mesma proporção", diz o prefeito Luiz Tortorello (sem partido). "Se tem recursos, faz agora. Se não tem, faz depois." (A.C.)

CIDADE COLECIONA TÍTULOS DE "A MELHOR"

Neste final de semana você tem a chance de conhecer o mais novo conceito de compacto da Volkswagen. Venha fazer um test drive.

Rede Autorizada

